



1º Domingo na Quaresma (13/02/2005)

Observação: durante a Quaresma os domingos não são contados. Por isso a expressão litúrgica correta a ser usada é: "domingo *na* quaresma", ao invés de "domingo *da* quaresma".

Primeira leitura (Antigo Testamento) Gênesis 2.4b-9,15-17,25-3.7

Ao iniciarmos a quadra da Quaresma, a leitura do Antigo Testamento nos recorda o mito da queda na tradição javista. Não se trata aqui de uma descrição jornalística de um evento histórico, mas da interpretação teológica da situação da humanidade perante Deus. "Adão", palavra que freqüentemente personalizamos, é o substantivo '*adam*, aquele que está ligado ao solo, mas que é um ser animado pelo sopro vital de Deus. A serpente era um dos símbolos de religiões orientais contra as quais o povo de Israel tinha que firmar-se. O texto interpreta a situação caótica do povo de Deus como consequência de dar ouvidos à "serpente" em desobediência a Iahweh. O texto, naturalmente, é bastante denso e rico e suscita ainda hoje diversas especulações sobre a natureza humana, o livre arbítrio, a natureza do pecado, etc. É impossível tratar todos esses temas numa homilia. Vale, porém, destacar a tendência humana de sempre tentar desculpar-se perante Deus e lançar sobre outras pessoas a responsabilidade dos próprios atos. Adão, ao ser inquirido por Deus, não assume sua própria culpa, mas acusa a mulher (e boa parte da teologia patrística e medieval misógina aderiu com naturalidade a essa atitude); a mulher, por sua vez, lança a culpa sobre a serpente; essa, sem ter sobre quem lançar a culpa, recebe a maldição. O pregador pode inspirar-se em dois excelentes textos sobre esse episódio: "Que a serpente não decida por nós" (Harvey Cox) e "Paraíso terrestre: saudade ou esperança", de Carlos Mesters. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).

Epístola: Romanos 5.12-19 (20-21)

A finalidade da escolha deste texto de Romanos é para dizer que todos nascem para uma rede complexa e imensa de relações. O que ali se salienta é a condição humana, descrita por uma espécie de "solidariedade" escravizadora da morte e pecado, de estar voltado para si em inimizade com Deus e uns com os outros. Adão representa essa condição humana "aprisionada" ou cativa, (todos carecem da glória de Deus, 3.23).

O novo Adão, o Cristo representa a identificação e solidariedade de Deus por meio da vida e ação de Jesus Cristo com essa humanidade aprisionada. A cruz e a ressurreição e a vinda do Espírito Santo representam o ponto focal da entrada de Deus nessa humanidade e de sua identificação com ela por meio de doação e libertação.



Por isso, é bom ler junto com o recorte de hoje (5.12ss.) o trecho de Rm 5.1-11 designado para o 3º domingo na Quaresma, principalmente, vs. 6 e 8 (quando ainda éramos fracos e pecadores). A identificação solidária com a humanidade é qualificada como sendo debaixo da inimizade, alienação. Vale repetir que essa identificação é anterior à aceitação por parte das pessoas. Ela possibilita-as a ver a si mesmas diante dessa bondade de Deus e depositárias de tamanha confiança. É preciso se lembrar de que o pecado é entendido como um poder caracterizado como inimizade. Nessas condições de inimizade, na linguagem joanina, Deus nos amou primeiro (1Jo 4.9ss) e criou as condições, para que confiemos nessa confiança que Deus deposita em nós.

Tudo isso significa que o relacionamento humano com Deus não se compara com o relacionamento entre as pessoas em termos de troca. Essa singularidade da relação divina conosco pode e deve iluminar o nosso relacionamento horizontal. A fé é resposta humana de confiança, que implica em revestir-se de Cristo vitorioso na Tentação contra várias maneiras sutis de deturpar a relação da graça e fé, no poder do Espírito Santo, em participar na Missão de Deus. Os vs. 14-16 salientam o relacionamento com Deus dando destaque à graça e dom, o qual deve ser aceito e trabalhado como resposta. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: Mateus 4.1-11

Devemos prestar atenção a alguns detalhes do texto que sustentam teologicamente o período da quaresma: Jesus passa quarenta dias no deserto. Tal afirmação não precisa ser compreendida literalmente, pois 40 é um número simbólico na tradição judaica e na cabala, que indica um período de preparação especial, período indeterminado de tempo cronológico, vivido na crise entre algo que está morrendo e algo novo que está surgindo. Sempre que esse número aparece na Bíblia, é mais importante ficar atento ao significado daquele tempo do que propriamente a um período cronológico. Lembremo-nos dos "40 dias e 40 noites" que teria durado o dilúvio (tempo de juízo sobre uma velha ordem e preparação de uma nova sociedade); lembremo-nos dos "40 anos" que os hebreus teriam vagado pelo deserto antes de entrar na terra prometida (as reconstruções históricas desse episódio reconhecem o simbolismo do número, mas a maioria, em geral, discorda do tempo cronológico); lembremo-nos dos "40 dias" que teria durado o jejum de Moisés no Sinai, bem como o jejum de Elias em sua peregrinação até o Horeb, e também os "40 dias" entre a ressurreição de Jesus e sua ascensão. Aqui no texto é dito que Jesus permaneceu "40 dias" no deserto. Na verdade, "40 dias" foram o tempo todo do ministério de Jesus. Durante seu ministério, Jesus esteve em permanente contato com Deus e, ao mesmo tempo, era continuamente tentado pelo diabo que procurava afastá-lo do seu projeto.

Outro detalhe diz respeito ao termo "diabo". No grego é "diábolos", uma forma substantiva do verbo "diabállou", ou conforme outros lingüistas, um adjetivo pronominal. A palavra é formada pelo verbo "ballein" que significa "atirar algo", "lançar". Em si, o verbo é neutro. O que qualifica a natureza da ação é a preposição. A



preposição "dia" agregada ao verbo "ballein" (diaballein) indica algo que é lançado, jogado ou atirado com o intuito de obstruir, atrapalhar a aproximação entre duas pessoas, provocar uma ruptura ou divisão. Diabo, portanto, é tudo aquilo que provoca divisão, seja dentro da pessoa ou entre as pessoas. Diabólico é tudo que divide. Quando, porém, o verbo "ballein" é precedido pela preposição "sym" (symballein), o sentido é outro: algo que é lançado para ajudar a aproximação entre duas realidades, como uma ponte a unir dois abismos ou uma corda que permite a aproximação entre duas pessoas. Daí vem o termo "símbolo". Símbólico, portanto, é tudo aquilo que une, enquanto "diabólico" é tudo o que separa e divide. Por isso a liturgia é feita sempre de símbolos, e não de "diabolos".

Pode-se destacar na homilia a natureza das tentações que Jesus sofreu, e isso dependerá da criatividade e bom senso do/a pregador/a, sem esquecer-se, no entanto, de atualizar o texto para a vida da comunidade: na quaresma somos chamados a enfrentar nossa velha natureza, tudo aquilo que pretende nos separar do amor de Deus e da vida em solidariedade com as pessoas. E principalmente, destacar que Jesus venceu o diabo e resistiu às tentações pela Palavra de Deus, outorgando-nos também a possibilidade de enfrentar corajosamente e com fé o diabo nosso de cada dia. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).